

A casa comum: o bem de toda humanidade

The common house: the good of all humanity

Benedito Tadeu dos Santos¹

Resumo

O presente artigo tem como proposta provocar uma reflexão sobre a casa comum, a *oikos*, e como a temática tem sido contemplada pelas diferentes tradições cristãs ao longo da história. Nunca se fez tão urgente um olhar retrospectivo e a busca por uma espiritualidade que seja ecumênica e ecológica. Para tanto, faz-se necessária uma nova chave hermenêutica diante da teologia da criação, tendo a pessoa humana não como dominadora ou destinada a consumir e usufruir dos bens naturais, como se fossem infinitos, como propõe o espírito capitalista. Mas, sim, encontrar no humano um *cuidador* de toda a espécie viva com a responsabilidade de deixar a casa comum como legado às gerações futuras. As referências usadas apresentarão o pano de fundo que traz a questão ecológica para o centro da discussão teológica, levando-nos à compreensão de que a *casa comum* foi usurpada como *casa particular*. Seus limites, quando explorados com toda a intensidade, geram o lucro de poucos e o extermínio de muitos, principalmente dos mais frágeis, desafiando o pensamento teológico, principalmente na América Latina e no Caribe a ser uma voz profética, numa perspectiva ecumênica e inter-religiosa que proclame que a casa comum é um bem para toda família humana.

Palavras-chave

Ecumenismo. Ecologia. Anglicanismo. Catolicismo romano. Criação.

Abstract

This article aims to provoke a reflection on the common home, the *oikos*, and how the theme has been addressed by different Christian traditions throughout history. A retrospective look and the search for a spirituality that is ecumenical and ecological has never been so urgent. To this end, a new hermeneutical key is necessary in view of the theology of creation, with the human person not as dominating or destined to consume and enjoy natural goods, as if they were infinite, as proposed by the capitalist spirit. But, yes, finding in humans a *caregiver* of the entire living species with the responsibility of leaving the common home as a legacy to future generations. The references used will present the background that brings the ecological issue to the center of the theological discussion, leading us to the understanding that the *common home* has been usurped as a *private home*. Its limits, when exploited with all its intensity, generate the profit for the few and exterminate of many, especially the most fragile, challenging theological thinking, especially in Latin America and the Caribbean, to be a prophetic voice, from an ecumenical and inter-religious perspective that proclaims that the common home is a good for the all human family.

Keywords

Ecumenism. Ecology. Anglicanism. Roman Catholicism. Criation.

¹ Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Especialista em Anglicanismo pelo Instituto Anglicano de Estudos Teológicos (IAET). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Licenciado em História pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI). Contato: tadeustosteo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Não há como pensar a teologia da criação sem olhar para a questão ecológica e para a vida e a dignidade humana, uma questão de antropologia teológica que deve ser concretizada na vivência social e espiritual de cada pessoa. Essa afirmação começou a ser instrumentalizada pela teologia pastoral do século XX, ganhando cada vez mais relevância no século XXI, com uma profunda reflexão teológica e a ação de gestos concretos de cuidado com a criação, dada à necessidade da saída do antropocentrismo ou de uma espiritualidade fora da realidade para uma espiritualidade ecumênica e ecológica, marcada pela manutenção dos bens naturais que são comuns.

Certo é que todas as pessoas de boa vontade são convidadas e inspiradas a rever seus estilos de vida. O que vivenciamos hoje frente a uma crise *ecológica* marcada por severas mudanças climáticas que afeta toda a família humana são frutos de desdobramentos históricos marcados por questões econômicas e explorações a longo prazo de recursos naturais.

A Revolução Industrial iniciada no continente europeu pode ser considerada como o primeiro *motor* do processo de abuso intenso dos bens comuns, em que a pessoa foi trocada por máquinas para a realização dos trabalhos que até então eram manufaturados, gerando um grupo de empobrecidos.

A situação em países colonizados, tendo como foco a América Latina e o Caribe, foi sentida tardiamente com o chamado progresso. No entanto, o sistema de exploração de recursos naturais e de pessoas faz parte da história desses países que tiveram parte de sua cultura exterminada, obrigados a adorarem o deus de seus dominadores, perdendo assim sua dignidade humana e os bens da casa comum.

A encíclica *Mater et magistra* do papa João XXIII, as resoluções das Conferências de Lambeth da Comunhão Anglicana, a produção teológica de diferentes igrejas cristãs sobre o cuidado da casa comum e principalmente a encíclica *Laudato si'*, do papa Francisco, norteiam nossa reflexão, na esperança de que a casa comum seja a casa de todos, lugar de fraternidade e de cuidado de toda a espécie de vida, ato criativo de Deus.

1 CONFERÊNCIA DE LAMBETH: SINAL DE UNIDADE, CLAMOR PELA VIDA

As conferências de Lambeth, realizadas a cada dez anos, são momentos de encontro entre todo o episcopado membro da Comunhão Anglicana, sendo um dos quatro símbolos de unidade visível entre as diferentes províncias. Os demais símbolos são: o Conselho Consultivo Anglicano, órgão que se reúne em sinodalidade, composto por pessoas de diferentes países e dioceses; o terceiro é o encontro dos bispos e bispas primazes para partilha de vida, oração e reafirmação da unidade na missão de Deus; e o quarto símbolo é a pessoa do arcebispo de Cantuária, elo espiritual entre os membros da Comunhão Anglicana.

Conforme o historiador eclesiástico Moorman (1980, p. 383), em meados da “era vitoriana”, precisamente em 1867, como uma tentativa de reunir as diferentes igrejas que se identificam com a tradição da Igreja da Inglaterra, como fruto do trabalho missionário ou do serviço de capelania aos ingleses em diferentes países, foi feita a primeira convocação dos bispos para partilhar suas realidades.

Pode-se aventar que foi o primeiro protótipo da Comunhão Anglicana como se desenha na atualidade. Diferentes temáticas próprias do século XIX fizeram parte da pauta desse primeiro encontro, como exemplo as peculiaridades das diversas culturas marcadas por um passado entre colonizadores e colonizados.

Certo é que a própria Europa antevia os frutos belos, todavia, com sabores amargos resultantes da Revolução Industrial. Havia passado o tempo das monarquias absolutistas que governavam com mãos de ferro, permitindo a escravidão dos menos favorecidos sem garantir os direitos de mulheres e crianças, usando de poder para prender e agir abusivamente com a legitimação do Estado (THOMPSON, 2011, p. 233).

Uma nova realidade de opressão e exploração surgia com impactos negativos e marcantes, como pontua o historiador supracitado em sua obra *A formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão*, pontua que ainda no século XIX, analisa que as antigas práticas de trabalho como a tecelagem e culturas agrícolas, são aos poucos abandonadas gerando uma corrente migratória do campo à cidade, causando aos grandes centros uma crise demográfica (THOMPSON, 1988, p. 16). Observação similar foi feita por Engels, ao constatar que nos grandes centros urbanos a mão de obra era vasta, mas com baixa remuneração, pois a oferta de trabalho menor do que a procura, originou a formação de uma classe social mais subalterna, o que o filósofo identificará nesse processo como a exploração do homem pelo homem. Os recursos naturais davam sinais de escassez, e necessidades básicas como o carvão para o aquecimento nos rigorosos invernos, bem como a crise hídrica, na qual, filas de pessoas se formavam para receber o mínimo possível para a sobrevivência (ENGELS, 1975, p. 53), já eram efeitos percebidos como resultados do desenvolvimento de novos modos de produção.

Justamente nesse contexto foi a idealizada a primeira Conferência de Lambeth, como busca por unidade, suporte espiritual e novos mecanismos para responder às demandas provocadas pela desintegração social. As divergências existentes entre as diferentes igrejas, bem como a diversidade de pensamentos e de culturas, foram expostas pelo episcopado nesse primeiro encontro.

Em sua quinta edição, em 1908, podemos visualizar um pouco do que a conferência representou à Comunhão Anglicana na contemporaneidade, sendo firmado um pacto pela defesa da vida e luta pela promoção e igualdade humana. (MOORMAN, 1980, p. 396).

2 UM OLHAR PARA A AMÉRICA LATINA

Enquanto os países europeus, precursores da Revolução Industrial, sentiam os efeitos sociais e sanitários ocasionados pelo novo modo de vida e de relações humanas, uma nova classe se formava e se organizava em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Porém, na América Latina o contexto era outro, sobretudo no Brasil. Segundo Beozzo, era necessário olhar com sensibilidade para a vida e pensar na dignidade de todas as pessoas: um pensamento revolucionário, se não ilusório (1985, p. 265).

No Brasil, o projeto pastoral era similar ao da Idade Média na Europa, em que mulheres, crianças, entre outros grupos sociais, eram colocados às margens, com seus direitos surrupiados. A maioria da população vivia em estado de miséria e os ideais imperialistas se mantinham através da exploração do solo e dos recursos naturais.

As sublevações eram reprimidas; os movimentos sociais – mesmo de cunho religioso – como a comunidade do Sítio do Caldeirão na cidade do Crato, no Ceará, na primeira metade do século XIX, formada por romeiros de diferentes regiões do Nordeste, se reuniram em terras do padre Cícero, liderados pelo beato José Lourenço com a proposta de vida igualitária, onde todos usufruíam do fruto do trabalho. A comunidade do Sítio do Caldeirão, e outros grupos que se levantaram em insurreições em lutas por liberdade, sofriam perseguição ou mesmo extermínio institucional (SANTOS, 2014, p. 19). O que prevalecia era um Estado sem direitos garantidos, com uma religião oficial que belicosamente, demonizava os missionários europeus ou norte-americanos.

A beleza da resistência se fez presente entre as pessoas mais simples ligadas às suas tradições, que se apegavam à piedade popular, o que nos leva a crer que os primeiros a olharem com carinho, cuidado e devoção para a terra e a criação, foram os menos letrados que através de fontes orais conheciam a sacralidade de toda espécie de vida. É certo que personagens históricos desentovavam dos projetos oficiais dos grupos hegemônicos de seu tempo, como apresenta o frei Josaphat ao se referir ao frei dominicano Bartolomeu de Las Casas, que atuou na América espanhola:

A leitura da história, à luz da opção libertadora de las Casas, privilegia e realça valores e eventos, pessoas, líderes, atitudes e movimentos que militam em favor dos menos favorecidos. Ela se alia espontaneamente a uma compreensão geográfica e mesmo geológica marcada pelo sentido da criação, da estima da terra, da vida e do todo o ecossistema, abrangendo, abraçando na admiração e mesmo na exultação o novo mundo tropical (JOSAPHAT, 2008, p. 103).

Todavia, podemos aventar que a atuação do frei Las Casas foi uma exceção e não uma regra, o que nos mostra o outro lado do eixo formado por uma minoria branca que buscava acumular capital sem preocupação com os resultados e efeitos a longo prazo. Como outra forma de subjugar houve a tentativa de mudar o outro, impondo seu *deus* desconhecido, como afirma Hoornaert (1977, p. 198). O autor olha para esse período da história e percebe que não há como

saber o que os povos originários ou africanos, com maior sensibilidade à mãe natureza e seus elementos, pensavam sobre a Igreja católica romana, pois não há documentos sobre isso.

O trabalho dos missionários anglicanos no Brasil não fugiu do padrão estabelecido por uma minoria branca inglesa ou norte-americana. Na visão do historiador anglicano Kickhöfel (1995, p. 35), o missionário norte-americano Richard Holder, que se fixou em Belém do Pará em meados do século XIX, considerava a população brasileira um povo mais supersticioso que religioso. Essa forma de estigmatizar a população, na concepção do sociólogo Oliveira é um olhar de um viajante estrangeiro que não compreende o sistema de crença do povo simples, formado pelo catolicismo medieval importado de Portugal, e das heranças distintas de povos originários e africanos que foram desenraizados de sua terra (1985, p. 115).

Não conseguimos encontrar um empenho pastoral de cuidado e valorização da pessoa em sua totalidade, anglicanos, católicos romanos, entre outras denominações protestantes, naquele momento histórico, buscavam apenas batizar mais um fiel para erguer o estandarte de suas confissões. Não temos a audácia de percorrer todos os acontecimentos históricos, erros, acertos e tentativas, mesmo de pessoas de boa vontade que permearam os desdobramentos que na contemporaneidade nos leva a pensar a ecologia como terreno fértil e necessário para a reflexão da teológica da criação. Observando como é urgente para toda a família humana uma modificação de paradigmas ao tratar da casa comum, o Concílio Ecumênico Vaticano II apresentará passos para tal mudança e novos olhares. Porém, antes mesmo do sonho da proposta de *aggiornamento* feita por João XXIII, que desejava colocar a Igreja católica romana em diálogo com a modernidade e responder às demandas latentes que envolvia diferentes questões sociais, na América Latina e Caribe, conforme Dussel, o episcopado latino-americano já havia solicitado ao papa Pio XII a autorização para uma conferência, que ocorreu em 1955 na cidade do Rio de Janeiro. A primeira conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), para Dussel, foi algo revolucionário, uma ruptura com a teologia eurocêntrica, sem fugir do catecismo e da doutrina social da Igreja católica romana (1985, p. 177).

A criação do CELAM abriu portas para que questões particulares dos países da América Latina fossem tidas como centrais; na pauta destacou-se a necessidades de fomentar discussões como o encontro da fé com as culturas e que a evangelização, isto é, o levar uma boa notícia, não deve ter como resultado a destruição de valores étnicos e culturais (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 1979).

3 OLHAR PARA A VIDA: OLHAR PARA O BEM

São Tomás de Aquino, no século XIII, em sua *Suma teológica*, na questão quinta, artigos terceiro e quarto, ao questionar se todo o ente é bom, responde: toda a criatura de Deus é boa, afirmando que tudo que emana dele é bom, porque Deus é bom (2009, p. 197-199).

A partir da afirmação tomista saímos do campo do antropocentrismo, do desejo egoísta de consumir, possuir e dominar, para a contemplação de uma teologia da criação que não veja o

humano acima de tudo e todos, mas como uma realização do desejo puro de Deus em amar e perpetuar o bem na Terra, a partir de cada pessoa, como um instrumento. É de Bruno Forte a afirmação: o universo “habita no mistério de Deus, Trindade santa”. Para Forte, faz todo o sentido a vivência de uma espiritualidade que seja ecológica, pois a casa comum é também a casa divina do universo criado (1995, p. 288-289).

Já não temos diante de nosso olhar um local de exclusão ou exploração, mas de cuidado e respeito reconhecendo que todas as coisas que foram colocadas à nossa disposição não devem ser desprezadas, mas zeladas. O autor ainda afirma que a relação de cada pessoa com tudo o que foi criado perpassa pela consciência da riqueza de cada elemento emanante de Deus, que para Forte significa uma espiritualidade não vazia e sem sentido, mas uma espiritualidade ética (1995, p. 293).

Logo, compreendemos que a casa só pode ser comum se a consideramos como obra primeira do amor que procede de Deus em toda sua bondade e graça. Se desviarmos o olhar dessa afirmação de fé, será impossível a partilha dos dons de Deus afirmados como direito de todas as pessoas (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1987, p. 78).

Ao olhar para sua cultura sul-africana, o arcebispo anglicano Desmond Tutu compreende que o ser humano, ao considerar-se completamente autossuficiente, é sub-humano, pois para Tutu, o que nos traz sentido de humanidade e de dignidade é a percepção de que fazemos parte da família humana. O maior dos bens existentes é a harmonia da comunidade. Qualquer fator que subverta essa ordem tende a romper com a aliança firmada entre as pessoas e a criação (TUTU, 2012, p. 42-44).

Assim compreendemos a casa comum como lugar da habitação de todas as pessoas com suas complexidades e potencialidades para olhar a vida e fazer o bem. Em sua encíclica *Master et magistra* o papa João XXIII ao lembrar a missão e a responsabilidade do produtor rural, ressalta o devido cuidado que deve haver com a terra, pois deste trabalho deve resultar dignidade, perfeição e a cultura da pessoa humana como a manutenção da vida. Desse modo, o cultivo da terra deveria acontecer de modo imbricado à realidade dos grandes centros urbanos, numa rede de relacionamentos criada entre as pessoas, para que a vida siga dentro do projeto sonhado por Deus.

Em sua reflexão João XXIII vai além, lembrando que todo o trabalho humano deve elevar a pessoa não de modo egoísta, como um animal desenfreado, antes pensando no bem comum. Todo o trabalho eleva quem o faz e também às demais pessoas, a sociedade e a casa comum.

Ao pensar sobre a criação, o teólogo brasileiro anglicano Jaci Correa Maraschin (1989, p. 43), parte de um questionamento extremamente pertinente à contemporaneidade, em tempos de guerras, conflitos e consumismo desenfreado. Assim nos provoca Maraschin: “seria a criação e a destruição polos duma mesma realidade?” O teólogo anglicano, em sua fala, reflete sobre as extremidades não como realidades excludentes, mas pertencentes às potencialidades da pessoa

humana, o que para Rahner (1989, p. 147) é um total ato de liberdade, ação da própria graça de Deus, que é amor, e concede ao humano a possibilidade de dizer sim ou não para o criador. Compreendemos, conseqüentemente, essa mesma liberdade diante do cuidado da casa comum.

Maraschin, fazendo uso do pensamento filosófico de Heidegger, interpreta o seu referencial teórico, ao afirmar a fala/discurso como grande obra de arte, a palavra fez com que o mundo se estabelecesse; logo, a criação como um todo, é um grande poema: uma poesia de Deus, bela e ingênua. No entanto, durante séculos, a pessoa humana, sem compreender a linguagem do amor gratuito de Deus, apagou seus versos, e não assumiu a responsabilidade por reescrever criativamente tal poema. Essa escolha feita pelo humano gerou reflexos sociais e ambientais, pois diante da recusa de reescrever a poesia de Deus, os rios e mares são poluídos, deixando grande parte da humanidade sem acesso à água potável; deixando de reescrever a poesia de Deus florestas são devastadas, principalmente na América Latina, tendo em vista o capital e o lucro imediato.

É preciso um olhar para o bem, um olhar para toda espécie de vida. Em 1983, o relatório doutrinal da Igreja da Inglaterra (DOCTRINE..., 1938, p. 45), afirmou a criatividade de Deus frente ao universo, reconhecendo com igual intensidade Deus como criador e mantenedor da vida. Sem aprofundar as diferentes teorias da criação, o que não é objetivo do presente artigo, o mesmo documento afirma que o criador nos convida a continuar a sua criação, não por ser um descuidado, incapaz de gerir o que criou, mas porque conta com participação da humanidade para cuidar de tudo o que é bom.

4 UM BEM QUE SEJA COMUM

No século XXI frente a todas as catástrofes que a humanidade tem sofrido, resultado de uma natureza que que chora e geme (Rm. 8,22) e que aparentemente se voltou contra as suas transgressoras através do furor dos mares, da intensidade de chuvas que avassalam cidades, da aridez no campo assolando o trabalho agrícola, com fortes ondas de calor, as diferentes doenças respiratórias ocasionadas pela poluição, o desmatamento de nossas florestas, a escassez de água potável, principalmente nas regiões vulneráveis exploradas historicamente pelas grandes potências econômicas que já sentem os efeitos de seus atos. Para o teólogo de nossos dias, é impossível pensar teologia da criação sem contemplar os diferentes aspectos ecológicos, além de assumir o compromisso social de construir uma cultura do cuidado do bem que seja comum para todas as pessoas.

A constituição pastoral *Gaudium et spes*, que em sua redação final buscou compreender a pessoa humana em suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (GS 205) não fechou os olhos para as realidades do cotidiano. Pelo contrário, pensou na América Latina, Caribe e nas demais regiões e países empobrecidos, que foram colocados à margem do mundo por um sistema explorador.

Desde os diferentes processos de colonização dos grandes impérios que atuaram na América Latina, no Caribe, no continente africano e nos países mais vulneráveis da Ásia, com o projeto de lucro e exploração uma nova geopolítica foi desenhada sem considerar etnias e culturas; a extração e o saque de recursos naturais tornaram-se prática comum, provocando mais escassez e miséria entre os mais pobres. A *Gaudium et spes*, primando pela dignidade de toda humanidade, exorta sobre a necessidade de os diferentes grupos terem suas aspirações vivenciadas sem, contudo, privar alguém de suas necessidades. Elucida ainda a constituição pastoral sobre as desordens geradas pela humanidade através do uso excessivo da tecnologia e do ato de subjugar a natureza, crendo ingenuamente que seus recursos são infindáveis. O que temos como resposta defensiva da natureza é a fúria contra a própria pessoa humana (GS 303-304).

A partir de tais apontamentos, podemos afirmar que pecamos contra a criação não respeitando os seus limites, não sendo bons cuidadores. Poluímos os mares e rios, desmatamos as florestas, lançamos elementos tóxicos nas cidades. Essa consciência de pecado deve nos levar a olhar com mais sensibilidade para a irmã Terra e reconhecer a necessidade de uma *conversão* genuína, isto é, uma *metanoia*, mudança radical da maneira como temos tratado a criação de Deus, não apenas com discurso, mas por meio de gestos concretos de cuidado do bem que é comum. A mudança radical de paradigmas com uma pedagogia da reparação que proporcione às futuras gerações a prática de zelar dos recursos naturais, preservará o patrimônio de todo ser que respira.

No *Livro de oração comum*, na edição brasileira de 1987, no ato penitencial (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1987, p. 28), toda comunidade é convidada a reconhecer o bem que não foi feito, pois a omissão também é vista como pecado. No mesmo livro, na primeira oração eucarística Deus é glorificado por toda a obra da criação, por seu infinito poder e amor (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 1987, p. 62), e entende-se que a ausência da disposição em continuar a contribuir com o processo criativo da divindade é omissão.

Na edição brasileira de 2015, o reconhecimento da bondade de Deus e de sua revelação também são expressos de maneira explícita na oração eucarística D, no rito 2 (IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL, 2015, p. 332), quando a pessoa que preside a Santa Eucaristia lembra a todas as demais que Deus é criador de todas as coisas e maravilhas do universo. Na mesma oração, a comunidade se compromete a realizar gestos verdadeiros de reconciliação e acolhida, o que só pode se tornar real a partir da percepção de que o bem só tem sua veracidade quando é direito de todas as pessoas, ou seja, é comum.

5 A CHAMADA DE LAMBETH DE 2022 EM DIÁLOGO COM A ENCÍCLICA LAUDATO SI' DO PAPA FRANCISCO

A última conferência de Lambeth, ocorrida em 2022, contou com a presença de bispos, bispas de dioceses e províncias de toda a Comunhão Anglicana, além de observadores de diferentes igrejas cristãs, bem como de outras tradições religiosas. Os trabalhos de Lambeth foram divididos por fases. Sua terceira fase teve como foco principal o cuidado da casa comum, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável.

A premissa maior foi o convite para que todas as províncias membros da comunhão, tivessem o compromisso de refletir sobre a crise global que toda família humana está vivendo. Um chamado para uma missão global, visando o cuidado com os dons da criação que devem estar à disposição de toda gente, principalmente em locais menos privilegiados, seja pela geografia, conflitos bélicos, ou exploração e empobrecimento, frutos de ações históricas.

Tal iniciativa partiu da própria temática da conferência *A Igreja de Deus para o mundo de Deus*. Não nos cabe nesse momento uma discussão sobre as estruturas eclesiais, mas reafirmar a proposta de se compreender como povo de Deus unido em missão, reconhecendo que é incompatível viver uma fé cristã, pertencer a uma comunidade religiosa, sem compromisso com o mundo, sem adubar o solo que pisamos.

Em uma ação ecumênica em busca de promover discussão, partilha e procura por respostas sobre o problema da água, como ato concreto, a terceira fase da conferência de Lambeth usou para reflexão textos de diferentes autores publicados pela *Christian Aid*, uma organização não governamental que teve sua origem após a II Guerra Mundial como um espaço ecumênico para acolher as diferentes realidades emergenciais que ocorrem ao redor do mundo.

Pensado no Brasil e na América Latina, foi organizada uma obra foi intitulada *Água para a vida: ação ecumênica por direitos e bens comuns no Brasil e na América Latina* (CHRISTIAN AID; CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL, 2020). Autores de diferentes tradições cristãs participaram desse projeto que no Brasil contou com o apoio do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Essa empreitada evidenciou o nível de comprometimento que a sociedade deve assumir frente a questão hídrica, uma matéria desafiadora e um chamado para abertura e diálogo das diferentes comunidades religiosas frente a um problema comum.

Tais diretrizes seguem o apelo do papa Francisco em sua encíclica *Laudato si'*, um cântico de louvor a Deus pela criação e também a lembrança de que habitamos uma casa comum: logo, é um convite para a criação de redes de sustentabilidade.

O papa Francisco reconheceu os esforços que seus antecessores fizeram em tempos difíceis quer pelo fim de guerras genocidas e conflitos velados ou diante do desafio da análise profunda de pensar o ser humano e buscar sua dignidade. Apelos estes que nem sempre foram acolhidos e ouvidos pelas nações ou pelo povo cristão. Podemos considerar a encíclica *Laudato*

si' como um verdadeiro tratado de teologia da criação que contempla todo o universo, tudo de bom que Deus criou, e como falhamos na preservação desses dons.

Antevemos um possível retorno às fontes da espiritualidade ecológica do movimento iniciado por Francisco de Assis no século XIII (LS 10). Francisco foi o nome assumido pelo atual bispo de Roma, que apresentou na encíclica as condições para que a espiritualidade ecológica fosse uma verdade, sendo preciso fazer o caminho contrário como o próprio Francisco de Assis fez, ao deixar de olhar para si mesmo e abandonar-se em Cristo, abraçando a simplicidade da vida e reconhecendo em tudo o que foi criado uma dádiva de Deus.

Em suma, a *Laudato si'* é perfeita ao apresentar os problemas emergentes gerados por uma cultura do descarte e do descaso, onde elementos essenciais para a preservação da vida estão desaparecendo, e a biodiversidade definhando (LS 20) trazendo conseqüentemente a deterioração da qualidade de vida, mesmo em países ricos. O capital não pode controlar o clima nem mesmo evitar a *fúria* da natureza que foi explorada ao máximo para deleites de poucos, ao longo dos séculos.

Lembra o papa que cada pessoa cristã é desafiada a vivenciar o uso comum dos bens naturais e que Deus, por meio do Espírito Santo, é capaz de haurir algo de bom dos males que praticamos, contando com a cooperação da pessoa humana (LS 80), recordando que ricos e pobres têm a mesma dignidade e o mesmo direito à vida. Os fatores apresentados na *Laudato si'* seguem o mesmo padrão das preocupações da conferência de Lambeth de 2022, sendo a referida encíclica anterior ao chamado de Lambeth sobre a necessidade de uma missão que seja global em resgate de tudo, ou pelo menos preservação dos bens naturais que ainda existem e devem ser partilhados entre a família humana.

6 TEMPO DA CRIAÇÃO: CELEBRAÇÃO DA VIDA

O *Tempo da Criação*, momento celebrativo extensivo às diferentes tradições cristãs que teve início no mês de setembro e conclusão em outubro de 2023, foi um convite feito pelos membros do Comitê Diretivo Ecumênico do *Tempo da Criação* em resposta à encíclica *Laudato si'* com a temática *Que a justiça e paz fluam*. Essa iniciativa é um dos pequenos, mas significativos passos que diferentes igrejas cristãs dão para viver o ecumenismo de modo celebrativo e com gratidão pelos diversos dons com os quais a família humana foi agraciada.

Num período pós-pandêmico, onde nossa humanidade se tornou mais frágil na luta pela vida, reconhecemos o elementar: a necessidade de respirar! Percebemos que o poder de compra não pode salvar vidas, pois a vida não tem preço, é dom de Deus como tudo o que foi criado. O tempo de isolamento social marcou radicalmente o século XXI. O impedimento de simples ações como abraçar, contemplar a criação, sentir a dor humana vivenciada globalmente, são efeitos que permaneceram nos corpos físicos e também no estado psicológico deixando marcas traumáticas, que nos faz pensar que o cuidado da casa comum e da vida humana estão

intimamente ligados: natureza humana e criação divina só subsistem se forem cuidadas considerando sua vulnerabilidade e preciosidade.

No prefácio do material catequético produzido pela Igreja anglicana da África Austral (ANGLICAN CHURCH OF SOUTHERN AFRICA, 2019, p. 1), indicado como um manual para grupos de jovens e formação de pessoas que desejam abraçar a fé cristã, o arcebispo da Cidade do Cabo, Thabo Makgoba, faz menção de que os cientistas indicam que temos apenas 12 anos para reduzir em 50% as emissões de carbono. Desde 1970 eliminamos 60% das espécies de animais selvagens. Falhamos enquanto mordomos da criação, mas as próximas gerações não podem falhar. É preciso uma mudança na forma de viver, caso contrário não haverá vida. É preciso uma catequese que seja envolvente e capaz de mudar o estilo de vida pessoal de cada uma de nós. O cuidado com a água, o que comemos, como usamos a energia elétrica, o quanto somos capazes de plantar e consumir apenas o que é necessário, sem desperdício ou descarte, fazendo uso responsável dos recursos naturais.

A partir dessas premissas é possível falar numa espiritualidade concreta, que tenha olhos voltados para a *parusia*, e que não se feche diante dos desafios de viver como parte da criação de Deus, pois a salvação histórica é comunitária e não singular.

Essa espiritualidade concreta não pode estar voltada apenas para os sacramentos eclesiais, mas constituir espaço que reconheça a sacralidade de todas as coisas criadas por Deus como um sacramento que deve ser cuidado e respeitado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), organismo que conta com o maior número de igrejas históricas e é possivelmente o mais representativo órgão ecumênico existente, teve sua primeira assembleia no Brasil, na cidade de São Paulo, em 1955 (REILY, 1984, p. 298), com o tema *A responsabilidade social da Igreja*. Essa assembleia propunha o rompimento da dicotomia entre religião e sociedade. Em 2006, na cidade de Porto Alegre, o CMI realizou sua nona assembleia com o tema *Deus, em sua graça, transforma o mundo*. Aguardamos ainda essa transformação e questionamos: será que nos deixamos transformar diante de tudo o que temos vivido?

Tivemos tímidos avanços enquanto pessoas ou instituições. Os cenários atuais e as provocações feitas em nossa fala, com o uso de documentos oficiais produzidos por lideranças religiosas e teólogos, continuam a lançar um apelo à vida. Porém, os apelos nem sempre são acolhidos pelas comunidades locais, seja pelo medo de viver uma espiritualidade ecumênica do cuidado e perder a própria identidade religiosa, ou porque a temática em pauta não parece interessante e urgente. Ainda, em alguns grupos, predomina a visão de que os recursos naturais são inesgotáveis e que o julgamento de Deus será apenas na *parusia*, e cada pessoa pagará conforme suas ações. Esquecemos que ao falar na casa comum, todos somos julgados historicamente. Certo é que muitos se preocupam em construir sua casa particular sobre a

“areia” (Mt 7,21) quando o convite é para que façamos um *mutirão* de irmãos e irmãs, sem bandeiras ou fronteiras para defender, e com as mãos livres possamos reconstruir a casa comum numa rocha, como ação global, cuidando de toda a criação, tendo por consequência a celebração da vida e dos dons de Deus.

É impossível pensar em ação isolada, mas antes comunitariamente, como já muito se discutiu sobre o pensar globalmente e agir localmente, envolvendo o máximo de pessoas de boa vontade. Por isso, o diálogo entre cristãos, bem como com pessoas de outras tradições religiosas, é pauta importante para a teologia prática e pastoral. De modo contrário, ficaremos fechados em nossas instituições com seus cânones e dogmas que não geram vida. É preciso mudar nossa chave hermenêutica e reconhecer a beleza da santidade existente em cada pessoa e considerar tudo o que foi criado como algo sacro. Mas que santidade é essa? Assim se questionava Maraschin (1996, p. 5) sobre uma santidade que nasce da beleza e da diversidade, seja na liturgia que celebramos em nossas comunidades de fé, seja na doação de nosso tempo para continuar reescrevendo o poema da criação.

Não fechamos nosso diálogo, menos ainda a discussão e reflexão da temática proposta, uma vez que se faz necessária uma catequese que contemple e não apenas ensine confissões de fé; que vá além, de maneira pedagógica, e conduza cada pessoa ao comprometimento com a vida e com toda a criação, para que a casa comum seja casa de toda a humanidade, tornando-se objeto teológico com desdobramentos em diferentes realidades sociais onde as igrejas cristãs, em parceria com as demais tradições religiosas, assumam um papel de protagonismo para que a face da Terra seja renovada e com ela toda a criação (Sl 104,30). ✨

REFERÊNCIAS

ANGLICAN CHURCH OF SOUTHERN AFRICA. **Care for creation:** manual for confirmation and youth groups. Cidade do Cabo, 2019.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2009. v. 1.

BEOZZO, Oscar (Org.). **História geral da Igreja na América Latina:** segunda época – século XIX. Petrópolis: Vozes, 1985.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes:* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: VIER, Frederico (Coord.). **Compêndio do Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 143-200.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Conclusões da conferência de Puebla – texto oficial:** evangelização no presente e no Futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.

CHRISTIAN AID; CONSELHO NACIONAL DE IGREJAS CRISTÃS DO BRASIL. **Água para a vida:** ação ecumênica por direitos e bens comuns no Brasil e na América Latina. Brasília: CONIC, 2020.

DOCTRINE in the Church of England. **The 1938 report.** Londres: SPCK, 1938.

DUSSEL, Enrique. Hipótese para uma história da Teologia na América Latina. In: BEOZZO, Oscar (Org.). **História geral da Igreja na América Latina: segunda época – século XIX**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Porto: Afrontamento, 1975.

FORTE, Bruno. **Teologia da história: ensaios sobre a revelação, o início e a consumação**. São Paulo: Paulus, 1995.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas: 2015.

HOORNAERT, Eduardo, DUSSEL, Enrique (Orgs). **História geral da Igreja na América Latina: tomo 2**. Petrópolis: Vozes, 1977.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Livro de oração comum: administração dos sacramentos e outros ritos e cerimônias conforme a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil com o saltério e seleção de Salmos litúrgicos**. Porto Alegre, 2015.

IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Livro de oração comum: forma abreviada e atualizada com Salmos litúrgicos**. Porto Alegre: Metrópole, 1987.

JOÃO XXIII. **Mater et magistra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

JOSAPHAT, Carlos. **Bartolomeu de las Casas: espiritualidade contemplativa e militante**. São Paulo: Paulinas, 2008.

KICKHÖFEL, Oswaldo. **Notas para uma história da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil**. Porto Alegre: Metrópole, 1995.

MARASCHIN, Jaci Correa. **A beleza da santidade: ensaios de liturgia**. São Paulo: ASTE, 1996.

MARASCHIN, Jaci Correa. **O espelho da transparência: o Credo niceno-constantinopolitano e a teologia latino-americana**. Rio de Janeiro: CEDI, 1989.

MOORMAN, John Richard Humpidg. **A history of the Church in England**. 3. ed. Harrisburg: Morehouse, 1980.

OLIVEIRA, Pedro. **Religião e dominação de classes: gênese, estrutura e função do catolicismo romano no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. São Paulo: Paulus, 1989.

REILY, Duncan. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

SANTOS, Benedito Tadeu dos. **Sítio Caldeirão: a violência institucional contra uma comunidade fraterna (1889-1937)**. Região do Cariri/Ceará. 2014, 243 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

TEMPO DA CRIAÇÃO. **Guia de celebração Tempo da Criação: que a justiça e a paz fluam**. Roma: União Internacional das Superiores Gerais, 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

TUTU, Desmond. **Deus não é cristão e outras provocações.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

Recebido em: 10/08/2023.

Aceito em: 19/11/2023.